

# Uma escritora des(conhecida)

JORGE GLAUDIR

Escritora quase analfabeta, ex-favelada (?), morreu Carolina Maria de Jesus.

Escrever sério é brilhante e duro como diamante coisa pouca de se ver. E morrer, às vezes, muito mais que isso.

Carolina morreu. A realidade da vida que seus olhos acompanharam, não escondia as fantasias que sua consciência analítica abominara.

Foi despejada da vida.

A notícia de sua morte deu-se a um pequeno público na segunda-feira desta semana. Deveria ter sido para o grande público também. Sem os experimentais artificios de certas promoções a que vinha sendo ela submetida ultimamente.

Foi, Carolina, a "Escritora Favelada", autora do livro QUARTO DE DESPEJO, "best-seler" na década de 60, não ficando restrito apenas às fronteiras do Brasil e que marcou época em nossa literatura.

Hoje muitos poucos sabem sobre ela, ou pouco se comenta, embora tenha o seu livro corrido todo os campos como uma impetuosa mostra da realidade, do homem no seu desespero e angústia também na urbe, recusado, vivido e inconscientemente adaptado.

Antes de passar à fama, merecida fama (se é que alguém admite a convivência de fama e merecimento) sem os requintes de blás - blás - blás em decalques

salões de culturas literárias, Carolina formou-se nas universidades da vida realista.

Não estou falando de "escolas". Sofreu e escreveu.

Escrever é ver verdades que às vezes fluem nas paredes da consciência daqueles que falam dessas coisas.

No caso dela com mais intensidade. O verdadeiro escritor tem mais de uma missão. Viver o escritor, e ser escritor acima de tudo.

A primeira etapa é mais que necessária, apesar de mais difícil. Carolina morreu.

Entregou-se ao contorno de duas solidões.

A solidão da morte e a solidão do desprezo. Sobretudo, porque talvez daqueles que teriam trilhado os mesmos caminhos de Carolina, o que é bem difícil. Morreu quem sabe, talvez com flores e velas.

Compareceram algumas pessoas ao seu enterro.

Mas não daqueles que talvez esperasse Carolina, estarem presentes em sua grande despedida.

Não se exigiria isso dos colegas de salões.

Mas ela deixou para as futuras gerações um registro, além de mais outros. o seu livro QUARTO DE DESPEJO, que deveria ser nada mais que Vida, para ela.

Salu como num grito de liberdade dos que sentem alívio do fim de qualquer espera.